

## **GRAMÁTICA, SIGNIFICADO E COGNIÇÃO: RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E MENTE**

**Lidiomar José MASCARELLO**

*Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC*

**Resumo:** O estudo da Semântica em uma perspectiva cognitiva é de grande valia, uma vez que atenta o aluno e o professor sobre os diversos significados possíveis de estruturas linguísticas, considerando fatores extratextuais como grandes colaboradores no processo de construção do sentido. Dessa forma, muitas vezes o teor polissêmico da mensagem não se justifica apenas pela relação da palavra com ela mesma, mas sim pela relação estreita que essa mesma palavra mantém com fatores psíquicos e contextuais de seus emissores e receptores, bem como com a leitura de mundo que cada um traz em mente. Nosso principal objetivo neste trabalho é promover uma discussão teórica que considere o processo de construção de sentido a partir de suas dimensões cognitiva e cultural, além de buscar informações e refletir sobre esta perspectiva com base nos estudos de estudos de George Lakoff (Lakoff & Johnson 1980, Lakoff 1987), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991) e Leonard Talmy (1983, 1988), dentre outros. Faremos uma abordagem de caminhos de desenvolvimento da linguística cognitiva, apresentando alguns dos princípios que interligam cognição, linguagem e interação em enunciados linguísticos.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva. Linguagem. Mente. Categorização.

## **GRAMMAR, MEANING AND COGNITION: THE RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND MIND**

**Abstract:** The study of semantics from a cognitive perspective is of great value since it draws teachers and students' attention to the manifold meanings of linguistic structures by considering extratextual factors as substantial contributors to the process of construction of meaning. Thus, the polysemic content of the message is many times justified not only by the relation of the word to itself, but also by the close relationship that this same word keeps with the psychological and contextual factors of their transmitters and receivers, as well as with the reading of the world that each brings to mind. The main objective of this paper is to offer a theoretical discussion that considers the process of meaning construction in its cognitive and

cultural dimensions. In addition, the paper also seeks information about and reflects on this perspective based on the studies of George Lakoff (Lakoff & Johnson 1980, Lakoff 1987), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991) and Leonard Talmy (1983, 1988), among others. We will approach the paths of development of cognitive linguistics, presenting some of the principles that connect cognition, language and interaction in linguistic utterances.

**Keywords:** Cognitive Linguistics. Language. Mind. Categorization.

## GRAMÁTICA, SIGNIFICADO Y COGNICIÓN: RELACIÓN ENTRE LENGUAJE Y MENTE

**Resumen:** El estudio de la Semántica en una perspectiva cognitiva es de gran valía, pues pone atentos al alumno y al profesor acerca de los distintos significados posibles de las estructuras lingüísticas, llevando en consideración elementos extratextuales como fuertes colaboradores en el proceso de construcción del sentido. De esa manera, muchas veces la carga polisémica del mensaje no se justifica solamente por la relación de la palabra con ella misma, sino por la estrecha relación que esa misma palabra posee con factores psíquicos y contextuales de sus emisores y receptores, así como con la lectura de mundo que cada uno trae en su mente. Nuestro objetivo principal con este estudio es promover una discusión teórica que tome en cuenta el proceso de construcción de sentido a partir de sus dimensiones cognitiva y cultural, además de buscar informaciones y reflexionar acerca de esta perspectiva con base en estudios de George Lakoff (Lakoff & Johnson 1980, Lakoff 1987), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991) y Leonard Talmy (1983, 1988), y otros autores. Será realizado un abordaje de caminos del desarrollo de la lingüística cognitiva, presentando algunos de los principios que interconectan cognición, lenguaje e interacción en enunciados lingüísticos.

**Palabras clave:** Lingüística Cognitiva. Lenguaje. Mente. Categorización.

### INTRODUÇÃO

Uma das preocupações da Linguística Cognitiva é a capacidade de categorização que nós humanos possuímos. Desde os nossos primeiros momentos de vida possuímos a capacidade de categorizar as coisas que estão ao nosso redor. A preocupação de como categorizamos as coisas presentes no mundo é antiga; desde a época de Aristóteles havia interesse nas práticas de nomear, definir e categorizar. Mas, com o surgimento da ciência cognitiva, esse processo deixou de ser visto como individual para ser considerado em uma dimensão cultural e social como constitutivo de nossa percepção da realidade.

A Linguística Cognitiva constituiu-se institucionalmente como paradigma científico e começa a ser posta em evidência no final da década de 70 e início da década de 80, instigada parcialmente pelo interesse pelo fenômeno de significação. Desenvolve-se em diferentes locais e de diferentes formas, destacam-se os trabalhos dos norte-americanos George Lakoff (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991) e Leonard Talmy (1983, 1988).

As principais linhas de investigação da linguística cognitiva compartilham a ideia de que a linguagem é parte integrante da cognição (e não um “módulo” separado), fundamenta-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceitualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural dos sujeitos.

Em uma perspectiva cognitiva, a língua é algo que está correlacionado ao processo perceptivo do indivíduo, o que acentua e evidencia o caráter dinâmico e heterogêneo da língua, visto que procura estudar as construções mentais que estruturam o conhecimento. A linguística cognitiva interessa-se pelo conhecimento através da linguagem e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo, e o nosso principal objetivo neste trabalho é buscar informações e refletir sobre essa perspectiva. Para atender a essa finalidade, conduziremos uma reflexão que possui como base teórica a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta, em 1987, pelo linguista cognitivo George Lakoff.

## **1. O QUE SE ENTENDE POR COGNITIVO**

O termo cognitivo ou cognição é entendido a partir do mesmo contexto do paradigma cognitivo em psicologia, antropologia, filosofia da ciência, biologia, neurociência e outras disciplinas afins, em outras palavras, a Linguística Cognitiva assume que a interação com o mundo é mediada por estruturas informativas na mente, tais como a linguagem. Cognição é, portanto, o ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, dentre outras

características ou capacidades do ser humano. A Linguística Cognitiva toma a linguagem como meio da relação epistemológica entre sujeito e objeto e procura, assim, saber como é que ela contribui para o conhecimento do mundo. Consequentemente, a Linguística Cognitiva assume que fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais são necessários na caracterização da estrutura linguística.

A Linguística Cognitiva caracteriza-se por três princípios fundamentais, segundo Geeraerts (1995, p. 113, *apud* Silva 2004, p.02): “o da primazia da semântica na análise linguística e os da natureza enciclopédica e perspectiva do significado linguístico.” A primazia da semântica que é decorrente da própria perspectiva cognitiva adotada: se a função básica da linguagem é a categorização, então a significação será o fenômeno linguístico primário. Os outros dois princípios especificam a natureza do fenômeno semântico. Se a linguagem serve para categorizar o mundo, então o significado linguístico não pode ser concebido de forma desarticulada do conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não se pode defender a proposição da existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas.

Parte-se, portanto, da ideia de que as estruturas linguísticas não são rígidas e se amoldam continuamente a partir das necessidades nos usos. Chiavegatto (2009, p. 81) considera que o significado dos enunciados é: “1º - guiado pelas formas linguísticas; 2º - uma construção mental que expressa à interligação entre conhecimento e linguagem; e 3º - validado no contexto comunicativo”.

Diante destas premissas, a linguística cognitiva estabelece que a gramática não pode ser mais vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas sim um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos. A língua é então um instrumento que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade.

## 2. LINGUÍSTICA COGNITIVA, ENCONTROS E DESENCONTROS

Ao tratar de aspectos históricos na linguística, na maioria das vezes recorreremos ao início do século XX. A partir da publicação do Curso de Linguística Geral em 1916, as ideias de Louis Ferdinand de Saussure inauguram os modernos estudos sobre a linguagem, estabelecendo um modelo científico para o tratamento das línguas em geral. Entretanto, a Linguística Cognitiva, em linhas gerais, opõe-se aos paradigmas linguísticos estruturalistas e gerativistas, ainda que beneficiada pelas reflexões propostas por essas correntes de pensamento.

Em relação à gramática gerativa, que também é linguística cognitiva, pois seu objeto de estudo é a linguagem como sistema de conhecimento, como uma faculdade mental, conforme os conceitos apresentados por Chomsky (2002)[1], também ela procura estudar as estruturas mentais que constituem o conhecimento e também ela reconhece que não pode haver conhecimento sem a existência de uma representação mental, mediadora na relação epistemológica entre sujeito e objeto. Mas, segundo Silva (2004, p.2), há uma diferença essencial: “a gramática gerativa interessa-se pelo conhecimento da linguagem” (tomando-a, portanto, não como meio, mas como objeto da relação epistemológica) e procura saber como é que esse conhecimento é adquirido, “ao passo que a linguística cognitiva interessa-se pelo conhecimento através da linguagem” e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo.

Em relação ao estruturalismo linguístico, o principal ponto de desencontro, afirma Silva (2004, p.3), “é que o estruturalismo linguístico, nas suas diferentes formas, entende e estuda a linguagem como um *sistema que se basta a si mesmo*” (com a sua própria estrutura, os seus próprios princípios constitutivos, a sua própria dinâmica) e, por conseguinte, o mundo que ela representa e o modo como através dela o percebemos e conceitualizamos são considerados como aspectos “extra-linguísticos”.

Um dos motivos desta oposição é a importância que a linguística cognitiva atribui aos aspectos funcionais dos fenômenos linguísticos (em particular, a função categorizadora da linguagem) e por desenvolver uma análise linguística com base na observação do uso linguístico, conforme Langaker (1987, p. 46, 1988b, *apud* SILVA, 2004), que caracteriza a linguística cognitiva justamente como "usage-based model", opondo-se assim ao abandono chomskyano da "performance" linguística. Segundo Silva (2004), a linguística cognitiva é um tipo de linguística pragmaticamente orientada, tanto teórica como metodologicamente.

Para a Linguística Cognitiva, os aspectos funcionais dos fenômenos linguísticos estão intimamente relacionados aos aspectos culturais dos sujeitos. Foi com Edward Sapir, em 1921, com *A linguagem* (1972) que, pela primeira vez, foi apregoada a relação estreita entre língua e cultura. Afirmava o antropólogo que havia uma coesão qualquer entre a língua e o povo que dela se utiliza para a comunicação. A percepção de que a cultura do povo se faz presente, de alguma maneira, na constituição das formas da língua iria desembocar na polêmica Hipótese Sapir-Worf ou do Relativismo linguístico. A hipótese apontava para uma estreita relação entre cultura e a constituição das línguas.

Atualmente a Linguística Cognitiva está aberta à interdisciplinaridade com as outras ciências cognitivas, especialmente com Psicologia Cognitiva, Neurociência, Inteligência Artificial, Antropologia, Filosofia, reservando uma particularidade importante: ocupa-se essencialmente da linguagem como um dos meios de conhecimento.

Mais especificamente, a linguística cognitiva caracteriza-se, ainda no quadro da ciência cognitiva, “pela importância que atribui à semântica na análise linguística e por tentar demonstrar a natureza *enciclopédica* e *perspectiva* da significação linguística” (GEERAERTS 1995, p. 113 *apud* SILVA, 2004, p.5). A primazia da semântica decorre da própria perspectiva cognitiva: se a função primária da linguagem é a categorização, então a significação será o fenômeno linguístico primário. E a natureza “*enciclopédica* da significação” (SILVA, 2004, p.5) (no sentido de esta se encontrar intimamente associada ao conhecimento do mundo) é uma consequência da função categorizadora da linguagem:

se a linguagem serve para categorizar o mundo, então a significação linguística não pode ser dissociada do conhecimento do mundo, e, conseqüentemente, não se pode postular a existência de um nível de significação que pertence exclusivamente à linguagem distinto do nível em que a significação das formas linguísticas está ligada ao conhecimento do mundo. Por outro lado, a linguagem, pela sua função categorizadora, não reflecte *objectivamente* a realidade, mas impõe uma estrutura no mundo, interpreta-o e constrói-o; donde a natureza *perspectivante-perspectivadora* da significação linguística. (SILVA, 2004, p.5)

Como se percebe, o propósito de categorização ou a função categorizadora é um traço, ou uma característica cognitiva fundamental do processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria ou de categorias diversas.

### 3. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA CAPACIDADE DE CATEGORIZAÇÃO

Para a Linguística Cognitiva a categorização linguística é realizada a partir de protótipos, ou de representações mentais de exemplares tidos como modelo, decorrendo daí o conceito de que as categorias linguísticas apresentam uma estrutura prototípica. Mais precisamente, a Linguística Cognitiva afirma que os vários membros ou propriedades de uma categoria possuem, geralmente, diferentes graus de saliência (uns são prototípicos e outros periféricos), agrupam-se, fundamentalmente, por similaridades parciais ou "parecenças-de-família" (conceito tomado de WITTGENSTEIN 1953, *apud* SILVA 2004, p 7).

Podemos nos perguntar qual seria a razão, ou o motivo de as categorias serem organizadas em termos de prototipicidade e quais os efeitos que os protótipos provocam? (GEERAERTS 1988c, *apud* SILVA 2004, p. 7) propõe uma explicação psicológico-funcional: "as categorias estruturadas na base da prototipicidade são cognitivamente eficientes, pois, por um lado, têm a vantagem da *flexibilidade*", que lhes permite adaptarem-se aos vários contextos em que são usadas e integrarem novas entidades como membros mais ou menos periféricos, e, por outro, "têm a vantagem da *estabilidade*", que proporciona a interpretação de novas experiências

(através dos protótipos existentes), sem que, para atingir o objetivo desejado, seja necessária a criação de novas categorias ou a redefinição de categorias já existentes, e, assim, permitem a continuidade da estrutura geral do sistema categorial.

Em síntese, os protótipos ou a prototipicidade existe porque é vantagem para o processo cognitivo dos sujeitos, e, embora pareça contraditória a ideia da flexibilidade e da estabilidade, os protótipos satisfazem essas duas tendências da cognição humana. Entretanto, pelas mesmas características (flexibilidade e da estabilidade) as categorias linguísticas são tipicamente flexíveis e polissêmicas e daí a continuidade e a mutabilidade dos significados das palavras no seu desenvolvimento histórico.

O desenvolvimento histórico da linguagem sempre se dá em uma sucessão de movimentos que provocam a descontextualização e a recontextualização dos elementos linguísticos, envolvendo contexto, quer o ambiente sociocultural da linguagem, quer o nível performativo (internacional) do uso linguístico, quer ainda as bases cognitivas e experienciais dos falantes.

#### **4. OUTRAS PREOCUPAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Ao preocupar-se com a conceitualização e a interação dos sujeitos falantes a Linguística Cognitiva precisa levar em consideração diversos fatores, como, por exemplo, os apresentados por Langacker (1999): ambientais: o ambiente é responsável para fornecer uma base experiencial comum para o desenvolvimento da estrutura conceitual-semântica; desenvolvimentais: a estrutura de um sistema linguístico é produto da aquisição da linguagem; biológicos: o que estabelece para a linguagem deve ter plausibilidade a partir de uma perspectiva biológica (anatômica, fisiológica, perceptual, neurológica, genética); psicológicos: os estudos sobre a linguagem devem ser compatíveis com o que sabe sobre estudos psicológicos, devendo ser confrontados com evidências psicológicas; históricos: a gramaticalização constitui o estudo da gramática em si, à medida que todos os aspectos de um sistema gramatical estão em algum estágio de um processo de gramaticalização em curso; socioculturais: a

linguagem é um instrumento essencial e um componente da cultura, cujos reflexos na estrutura linguística são significativos.

Um exemplo prático de aplicação e de observação desses fatores é o estudo de metáforas, que tradicionalmente, tem sido considerado como "figura de estilo", isto é, mecanismo retórico de ornamentação da linguagem. Metáfora é um instrumento cognitivo, e a linguagem corrente está repleta de expressões metafóricas, (em nível lexical, metáfora é um dos meios mais frequentes de extensão semântica dos itens lexicais). São as metáforas generalizadas, convencionalizadas e lexicalizadas (geralmente não reconhecidas como metáforas e impropriamente ditas "mortas"), as mais importantes do ponto de vista cognitivo. Para a Linguística Cognitiva, essas metáforas são fenômenos verdadeiramente conceptuais e constituem importantes modelos cognitivos. Essas mesmas observações, segundo Silva (2004), servem também para a metonímia, sendo que sua principal diferença é a de que:

enquanto a metáfora envolve domínios cognitivos (domínios da experiência) diferentes, como uma projeção da estrutura de um domínio-origem numa estrutura correspondente de um domínio-alvo, a metonímia realiza-se dentro de um mesmo domínio, activando e realçando uma categoria ou um sub-domínio por referência a outra categoria ou a outro sub-domínio do mesmo domínio (SILVA, 2004, p. 8).

Em um estudo da década de oitenta, do século passado, sobre este assunto, Lakoff & Johnson (1980) demonstram que conceitualizamos sistematicamente muitos domínios da experiência através de metáforas conceituais, isto é, projetando neles outros domínios. Por exemplo, conceitualizamos um momento de choro dizendo "ela derramou um rio de lágrimas" com a intenção de dizer que ela chorou muito, mesmo sabendo que uma pessoa não produz tantas lágrimas para formar um rio.

Este e outros exemplos mostram que a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois

domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa.

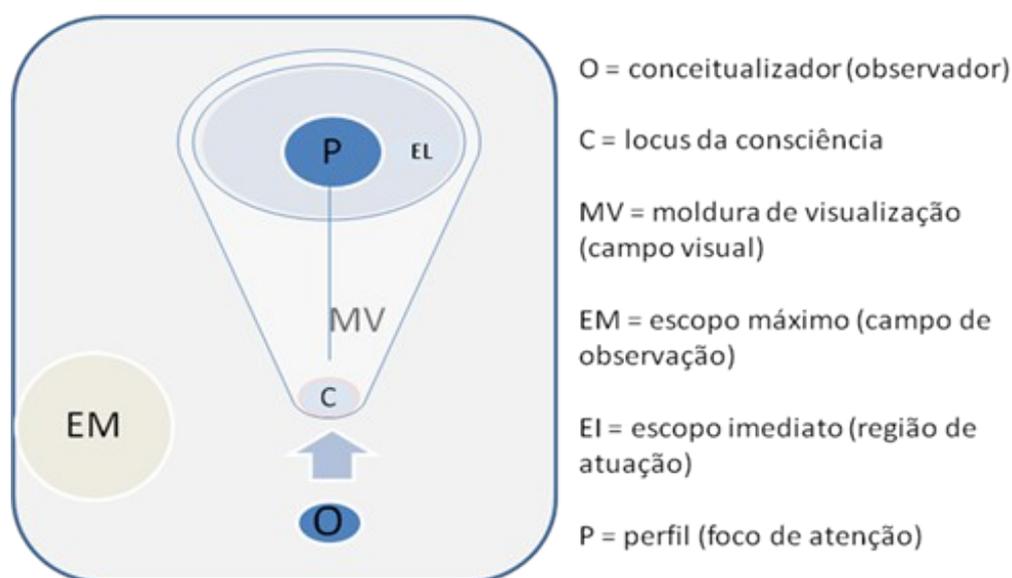
Portanto, em outras palavras, a significação e a estrutura de uma categoria linguística dependem de determinadas estruturas de conhecimento sobre o domínio ou domínios da experiência a que essa categoria está associada. Trata-se de um conhecimento individualmente idealizado, isto é, de um modelo cognitivo, e compartilhado pelos membros de um grupo social, ou modelo cultural. É no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que, para a Linguística Cognitiva, as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas.

A linguística cognitiva, especialmente a semântica cognitiva, permite uma interpretação mais realista, isto é, reflete a forma como os seres humanos naturalmente interpretam o mundo. Tal interpretação não se dá de forma aleatória, mas organizada e construída a partir da organização e ordenação natural do mundo, ainda que a mente humana, além da realidade real, crie também realidades virtuais. Portanto, uma sentença pode ser uma mensagem codificada e não uma expressão direta como um grito de dor, por exemplo.

Toda estrutura ou “maquinaria” linguística se utiliza de categorias cognitivas naturais pré-existentes, ou seja, há uma capacidade cognitiva natural dos indivíduos que permite a cada qual em seu contexto adquirir toda estrutura de cada linguagem específica, isso por uma questão de economia cognitiva, ou seja, a capacidade cognitiva natural precede a capacidade de aprender uma língua.

A Linguística Cognitiva propõe, então, um isomorfismo, ao menos parcial, entre linguagem e cognição, assumindo que parte dos princípios que governam a cognição está presente, de forma semelhante, na linguagem. Nesse campo dos estudos linguísticos, a percepção tem status de nível básico com relação aos processos ligados a linguagem e pensamento.

Outro elemento importante para a Linguística Cognitiva é a perspectiva do ponto de vista, ou seja, da experiência visual. Langacker (2001) assinala o papel central da experiência de visualização na estruturação semântica e gramatical e propõe um paralelo entre o processo de conceitualização e o processo da percepção visual. Segundo Azevedo e Lepsqueur (2011, p. 68), “o termo visualização, para o autor, serve tanto para percepção, quanto para conceitualização”. A noção de construção da Gramática Cognitiva indica que a forma como um conceitualizador estrutura uma situação para se expressar linguisticamente depende da seleção de fatores tais como o foco, o ponto de vista e a orientação, a figura relativamente ao fundo, que, de acordo com Azevedo e Lepsqueur (2011, p. 68), pode ser assim representado:



**Figura 1** - Representação do processo de conceitualização de Langacker (2001)

No diagrama da figura 1, observamos que o conceitualizador, a partir de sua consciência, C, posicionado em um determinado espaço, EM, que é o campo de observação disponível, depara-se com limites para a conceitualização, MV, que é seu campo máximo de visão, que são semelhantes aos limites impostos ao nosso campo visual que direciona o foco da atenção para uma situação, e a expressão linguística vai ser usada para expressar-se vai ocorrer com base nessas possibilidades existentes. O

modelo, de acordo com Azevedo e Lepsqueur (2011, p. 69), “permite-nos diagramar trechos discursivos mostrando como certas noções e categorias atuam no processo de construção de significado”. Em geral, o falante situa seu discurso em uma base, assume um determinado ponto de vista, põe determinado evento em foco e realiza mudanças constantes nessa configuração. Para Azevedo e Lepsqueur (2011, p. 69), “temos aí noções relacionadas, ou relacionáveis à percepção visual, que são representadas no modelo pelas categorias discursivas de *Base*, *Ponto de Vista* e *Foco*.” Ao longo do processamento do discurso, essas categorias discursivas são distribuídas entre os espaços mentais, e os participantes da interação têm de acompanhar a dinâmica desse processo: perceber as alterações locais e manter a perspectiva do todo.

De uma forma geral, para a Linguística Cognitiva, aspectos de nossa utilização da linguagem podem ser descritos através de estruturas de conhecimento, que têm por base não apenas aspectos de nossa experiência visual, perceptual, mas também de padrões recorrentes de interações motoras de nosso corpo, na dimensão espacial na qual atua. Conforme Azevedo e Lepsqueur (2011), estruturas desse tipo, como os esquemas imagéticos propostos e discutidos por Johnson (1987), Turner (1996) e Talmy (2000), são internalizadas por nós muito cedo em nossa experiência e estão na base de processos relacionados a pensamento e linguagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como podemos observar no decorrer das leituras e da elaboração deste trabalho, a Linguística Cognitiva não é uma teoria única (nem unificada) da linguagem, mas antes um conjunto de perspectivas e de análises teórica e metodologicamente compatíveis.

Nesta perspectiva a linguagem é estudada como um sistema para a categorização do mundo, e nela naturalmente se refletem capacidades cognitivas gerais e a experiência individual (a começar pela experiência do nosso próprio corpo), social e cultural. A

categorização linguística é, por conseguinte, o objeto fundamental da análise linguística, em que o estudo dos processos de categorização no léxico é tomado como ponto de partida metodológico para o estudo dos processos de categorização na gramática; conseqüentemente, a gramática, tal como o léxico, é concebida como um inventário de unidades *simbólicas* (significativas).

Um dos principais objetivos do nosso trabalho foi abordar o processo de produção de sentido em sua dimensão cognitiva e cultural. Constatamos, a partir dessa perspectiva teórica, que as experiências dos sujeitos passam a ser a base da semântica utilizada, rompendo assim com a visão objetivista na qual as representações eram vistas como espelho da realidade. Nessa nova perspectiva, a Linguística Cognitiva assume que aquilo a que uma expressão linguística se refere não é exatamente um objeto ou elemento da realidade, mas algo mediado por construtos teóricos do tipo elaborado pela categorização. Nesse sentido, os Modelos Cognitivos Idealizados passam a ser considerados os responsáveis pela organização mental do conhecimento e da experiência, compreendendo-se que a estrutura de categorias e os efeitos prototípicos são resultados dessa organização.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO A. M. T.; LEPESQUEUR M. *Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem*. *Ciências & Cognição* 2011; Vol 16 (2): 065-081. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: jan 2012.
- CHIAVEGATTO V. C. *Introdução À Linguística Cognitiva*. Matraga. Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a03.pdf>. Acesso em jan 2013.
- CHOMSKY, N. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução de Marco Antonio Sant'Anna. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press. 1987

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press. 1980

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press. 1987.

\_\_\_\_\_. *Concept, Image, and Symbol*. The Cognitive Basis of Grammar. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

\_\_\_\_\_. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Assessing the cognitive linguistic enterprise*. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. (eds.) *Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology*. New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 13-59.

\_\_\_\_\_. *Viewing and Experiential Reporting in Cognitive Grammar*. In: SILVA, Augusto Soares. (org.). *Linguagem e Cognição: a perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Editora Associação Portuguesa de Linguística, 2001, p.19-49.

SILVA, A. S. *A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. Revista Portuguesa de Humanidades 1: 59-101. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP. 1997.

\_\_\_\_\_. *Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva*. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, p. 1-18.

TALMY, L. How language structures space. In: Herbert Pick e Linda Acredolo (eds.), *Spatial Orientation: Theory, Research, and Application*, 225-282. New York: Plenum Press. 1983.

\_\_\_\_\_. *Force dynamics in language and cognition*. Cognitive Science 12-1: 1988, p.49-100.

### **Lidiomar José MASCARELLO**

Doutorando em Linguística. É mestre em Linguística pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Possui Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui também curso técnico/profissionalizante em Magistério e experiência com Magistério desde 1993.

## NOTAS

[1] A obra de Noam Chomsky, *Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente*, é uma tradução brasileira, mas não é a única obra que descreve com detalhes seus conceitos principais.